



NAS MARÉS DA VIDA: HISTÓRIAS E SABERES DAS MULHERES MARISQUEIRAS

Vanda Maria Campos Salmeron Dantas ¹

Introdução

As relações humanas representam um processo de construção de conhecimento, de lutas e conquistas, de saberes e descobertas, de pesquisas e invenções com vistas a superar as dificuldades e auxiliar o ser humano a lidar com o meio ambiente. A riqueza do meio ambiente é representada, neste trabalho, pelo manguezal que entrelaça comunidades humanas, os chamados “povos da água”, as quais criam vínculos com esse ecossistema e desses vínculos, conseqüentemente, nascem e renascem histórias de vida, histórias do manguezal.

Tendo por cenário o manguezal, a pesquisa teve como foco a vida das catadoras de mariscos, mulheres que têm no seu trabalho o sustento da família. Foram registradas as suas histórias, as quais falam da privacidade, do pessoal, da subjetividade, da diversidade das aptidões adquiridas no vivenciar da atividade pesqueira na lama do mangue; abordam sua relação com o meio ambiente e seus saberes para lidar com o manguezal. O ecossistema, interligado às suas vidas como fonte de alimento e trabalho, oferece a referência maior para retratar todo um ritual presente na busca do marisco. Os mitos, contos, músicas, vestimentas e a pescaria têm por base e contingência esse ecossistema pesqueiro.

É na relação entre as mulheres e o manguezal que são investigados os saberes envolvendo a mariscagem. Saberes estes que não estão relacionados ao nível de escolaridade, mas são construídos através da relação familiar, no contato com a comunidade, na observação da natureza, valorizando uma aprendizagem prática, repassada - através da oralidade - de pais para filhos, pois, de acordo com Morin (2004, p.26), deve-se ter em conta o valor das culturas, a sabedoria, o saber, os modos de fazer, de conhecimentos muitos sutis sobre o mundo vegetal e animal.

O espaço escolar é peça fundamental para que as crianças e os jovens valorizem a riqueza das suas raízes culturais e do manguezal com a sua diversidade. As comunidades criaram saberes e

¹ Mestre em Ciências Sociais, professora dos cursos de Pedagogia e Serviço Social UNIT, professora de educação infantil no município de Aracaju, pesquisadora associada da Rede Feminista de Estudos e Pesquisas sobre a mulher e relações sociais de gênero – REDOR, pesquisadora do grupo de pesquisa em Políticas Públicas, Gestão socioeducacional e formação do professor .GPGFOP UNIT/CNPq.



desenvolveram um modo de vida sustentável com base na diversidade da terra, do rio, do manguezal, das marés.

A arte da pesca envolve representações simbólicas, uma complexidade de conhecimentos, de adaptações e de experimentos adquiridos no processo de aprendizagem, os quais precisam ser compartilhados, divulgados no meio acadêmico, político, social e na própria comunidade. As histórias de vida não devem ficar invisíveis num mundo globalizado, mas devem ser vistas como parte de uma construção histórica vivenciada pela população humana. O resgate da memória das populações ribeirinhas repõe pedaços da história da gestão da cultura que é sempre diversa e múltipla.

A vida das mulheres que trabalham na pesca do aratu faz parte do contexto histórico da comunidade e, por conseguinte, é importante que os saberes técnicos acerca da pesca estejam inseridos no currículo da escola e nas disciplinas, como um complemento da grade curricular, para que possa ser fomentada a transdisciplinaridade, por meio do intercâmbio entre saberes científicos e não científicos.

Por outro lado, o valor da cultural local proporciona a valorização da identidade como também a formação do cidadão crítico. Assim, suas histórias devem ser ouvidas e reconhecidas pelas instâncias políticas, sociais e econômicas da sociedade. A divulgação - no âmbito social e nas escolas - do trabalho dessas mulheres oportuniza perceber o valor das suas histórias de vida, a beleza da cultura e saberes que compartilham entre si, com a família e a própria comunidade; dessa forma, portanto, essa cultura não deve ficar apenas no contexto social da população. Durante muito tempo a cultura das comunidades estava destinada a ficar no espaço social das populações ribeirinhas marcadas pela transmissão da tradição oral repassada de pais para filhos. Na contemporaneidade, a inclusão social e o respeito à diversidade constituem uma luta das comunidades para que sejam reconhecidos os saberes de uma tradição.

Através da pesquisa acerca da vida das marisqueiras, demonstram-se, não só a importância do seu papel social nas comunidades ribeirinhas, mas também a força das mulheres marisqueiras, o aprendizado adquirido no dia a dia com a família e na lida com os filhos dessa rica personagem que, muitas vezes, é a única provedora da família. Defende-se aqui o resgate cultural, resgate da cultura local dos contos, músicas, saberes que devem ser preservados como identidade cultural das comunidades ribeirinhas, para que não sejam extintos.

A pesquisa é de natureza qualitativa e tem como instrumento principal a construção de histórias de vida, o que possibilitará conhecer o contexto social das populações ribeirinhas e



compreender o comportamento humano, a sobrevivência em uma situação em que as políticas públicas ainda não foram totalmente concretizadas para que todos tenham direito a uma boa qualidade de vida.

A história oral, repassada pelos pais e pela própria comunidade, traz benefícios de um saber não científico que não é aprendido nos bancos escolares e sim nessa vivência tão enriquecedora, que sábios da natureza constroem; adquirindo no ecossistema o necessário para sua sobrevivência, desenvolvem aptidões para saber lidar no manguezal com os perigos - os sinais retratados pela natureza e que o ser humano assimila, a partir de suas experiências.

A pesquisa tem como campo investigativo os povoados de pescadores denominados Pontal, Terra Caída e Preguiça no município de Indiaroba, Estado de Sergipe, banhados pelo rio Real, divisa com o Estado da Bahia, cujas populações vivem da pesca e da mariscagem.

A metodologia adotada é do tipo etnográfico, direcionada para observações e descrições das atividades realizadas no dia a dia das mulheres marisqueiras, complementadas pelas histórias de vida e imagens, além de pesquisa bibliográfica, entrevistas, reuniões com os grupos. O princípio metodológico parte da vida e trabalho das marisqueiras observando os meios utilizados para a pesca do aratu. A partir dessas observações empíricas, serão discutidos os saberes de que se valem as mulheres para lidar com o ecossistema, com o cuidado de respeitá-lo, e, ao mesmo tempo, adquirir sucesso na pesca do aratu. Dessa forma, pretende-se compreender: como é a história de vida delas e de que modo é pensada e executada a arte de pegar o aratu.

A justificativa da escolha desse cenário de atividade econômica deve-se ao interesse que surgiu ao trabalhar na escola da região, como Professora de Estágio do Curso de Pedagogia da Universidade Tiradentes – SE, oportunidade em que ouvia os relatos dos alunos e professores acerca da vida dos pais, abordando a mariscagem como prática contínua entre as mulheres da comunidade, vinda de um contexto histórico transmitido de geração a geração. Destaquem-se, ainda, no contexto das mulheres da região, a falta de opção de trabalho, além do fato de os respectivos companheiros estarem envolvidos com o alcoolismo, ou as abandonarem, obrigando-as a procurar meios de enfrentar a sua realidade com coragem e otimismo.

O contexto social das mulheres que vivem nas comunidades ribeirinhas segue uma rotina de atividades interligada aos horários das marés. As marisqueiras observam quando a maré está propícia para a pesca, pois quando a água do rio vai saindo do mangue - a maré grande - é o momento de mariscar, já que os aratus estão com fome e saem dos buracos quando ouvem o barulho das suas vozes. O serviço caseiro pode adiantar ou aguardar o retorno do mangue; as mais novas



que têm filhos pequenos deixam de mariscar por algum tempo. Algumas mulheres moram em casa de taipa ou palha, outras em casa de alvenaria com alguns eletrodomésticos como televisão, geladeira, rádio. Também foram encontradas marisqueiras em dois acampamentos do Movimento dos Trabalhadores sem Terra, lutando por uma moradia. Todas as entrevistadas deixaram de estudar muito cedo, no intuito de contribuir para a renda familiar.

Dessa forma, a pesquisa reflete quanto à vida dessas mulheres que protagonizam uma cultura de subsistência e comercial, a maneira como desempenham suas atividades, se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como pensam sobre suas ações e as dos outros em seu contexto social.

As entrevistas com as marisqueiras e moradores da comunidade retratam uma gama de conhecimentos e informações primordiais para a valorização do ambiente social, cultural e econômico das comunidades. A técnica de entrevista envolveu o questionar, momento em que elas vão narrando suas histórias. A postura da pesquisadora foi no sentido de estimular suas narrativas com o propósito de construir informações, fazê-las elaborar suas narrativas com a finalidade de compreender os vínculos estabelecidos entre essas pessoas e o meio ambiente. A pesquisa, portanto, teve como horizonte a valorização da herança cultural que permeia a comunidade ribeirinha com sabedorias e conhecimentos muitas vezes excluídos e invisíveis para a sociedade. O relato das suas histórias aqui trabalhadas contribuirá para a inclusão e o reconhecimento dos saberes tradicionais como parte da herança cultural do povo brasileiro.

A base teórica que fundamenta a posição adotada na pesquisa circunscreve-se aos estudos de Núbia Marques (1983), Edgar Morin (1997), Conceição Almeida (2007), Lévi-Strauss (1989) entre outros.

Este estudo também tem como objetivo a denúncia, como forma de sensibilização, de que não é apenas na zona urbana que as mulheres sofrem preconceitos e lutam para ocupar seu espaço; na zona rural, o silêncio sobre a vida das mulheres marisqueiras tem conotações de opressão e miséria. De acordo com Marques (1983, p. 16), elas chegam à idade madura completamente gastas, mulheres que, com a idade de 40 anos, aparentam 60 ou mais anos. Não têm segurança, nem social, nem afetiva; a vida é de uma brutalidade total com elas.

Dessa forma, a pesquisa destaca as experiências individuais, como as marisqueiras se adaptam e dinamizam o processo social, levando em conta os vínculos que determinam a relação indivíduo *versus* sociedade no meio ambiente.



O estudo sobre a vida das marisqueiras e as comunidades ribeirinhas foi fundamentado em Almeida e Pereira (2007), na obra em que as autoras retratam a vida dos pescadores de uma comunidade localizada no Rio Grande do Norte. Na obra referida, as narrativas dos entrevistados ressaltam a sabedoria, o conhecimento e a integração das suas vidas com o meio ambiente.

Almeida mostra a complexidade dos saberes que envolvem a comunidade ribeirinha na voz de Chico Lucas. Nesta pesquisa é reconhecida a mesma complexidade dos saberes representados nas vozes de Clóvis, Marizete, dentre outros atores sociais entrevistados no espaço social e histórico do campo da pesquisa em Pontal, Preguiça e Terra Caída. O contexto geográfico não é o mesmo, mas suas narrativas relativas ao meio social que estão inseridos são semelhantes, ou seja, um contexto social de dificuldades lutando com as armas inventadas por eles próprios para sobreviver numa sociedade capitalista onde a exclusão social predomina.

Os costumes culturais absorvidos de gerações anteriores são preservados em prol da sua própria sobrevivência na lida da pesca. As comunidades ribeirinhas constroem seus instrumentos de trabalho da própria natureza para que possam amenizar as dificuldades encontradas na busca do aratu no manguezal.

Nas comunidades observa-se que as mulheres têm um papel fundamental, desmistificando os preconceitos e concepções que depreciam as mulheres e a população ribeirinha segundo os quais “as mulheres só querem saber de ter filhos” ou “o povo de beira de praia é preguiçoso”. As suas vidas e histórias representam determinação e coragem para o trabalho. Mesmo enfrentando dificuldades, não se lamentam, mas buscam forças para vencer os obstáculos.

A pesquisa estabelece uma ponte entre sabedoria, bom senso dos conhecimentos tradicionais e saber científico, através da reflexão sobre o manguezal e os povos que vivem ao seu redor.

As histórias das mulheres marisqueiras do Pontal, Terra Caída e Preguiça retratam saberes, cuja função utilitária é indiscutível no todo da região. Como ensina Almeida (2007, p.11), trata-se de “compreender sabedorias antigas, que nem por isso estão mortas, porque ainda falam do essencial que permanece.” O saber da vida aprendido na construção do conhecimento edificado na vivência das marisqueiras deve ser afirmado como um “conhecimento pertinente”, segundo expressão de Edgar Morin no livro *A cabeça bem feita*.

Mesmo sabendo das dificuldades, em nenhum instante essas mulheres perdem a alegria. Procuram ver a beleza da vida nos momentos do seu dia a dia, nas conversas, nos encontros, na ida ao mangue, no cuidar dos filhos e no lazer. Essas são as mulheres ribeirinhas.



As regiões pesquisadas representam um contexto diversificado de saberes construídos por observações, análises e invenções, como citou “seu” Clóvis, velho pescador: “São a sobrevivência da pescaria, tem que inventar - são invenções do marisqueiro” “Inteligência sofredora”. (2008)

É nesse contexto, com suas histórias, que será mostrado, no decorrer deste artigo, como uma forma de organizar o nicho de conhecimentos e saberes que envolvem a mulher marisqueira e por elas são produzidos.

Povos das Águas

Diante da grandeza da floresta de mangues, formam-se às suas margens agrupamentos humanos e aglomerações de seres que os procuram atraídos pela diversidade do ecossistema existente no manguezal. Nesse nicho ecológico, o homem começou a observar e refletir para tirar proveito dos recursos naturais.

Na região pesquisada, homens e mulheres desenvolvem atividades pesqueiras desde pequeno, presenciando os pais, ajudando- os quando não estão na escola, reproduzindo as situações de pescaria nas brincadeiras nas areias das praias, reproduzindo as tarefas do pai ou da mãe.

Quando adultos, os valores culturais continuam. A vida na comunidade está interligada às atividades pesqueiras, mais do que à agricultura. Os pescadores pegam seus barcos e vão à procura do peixe e camarão, outros vão ao mangue à procura dos caranguejos, siris e guaiamus. Quando vendem o peixe, ficam alguns dias sem pescar, proseando, bebendo, jogando cartas, dominó, futebol e consertando suas redes. Já as mulheres, como afirma Marques (1983), têm tarefas múltiplas. Quando chegam da pesca do aratu, elas vão tratá-los e, após retirarem a carne, vão vender na comunidade ou nos municípios vizinhos.

Nas três comunidades ribeirinhas - Pontal, Preguiça e Terra Caída - percebeu-se que as mulheres têm uma atuação forte no contexto social, tanto nas atividades domésticas do cuidar da família, da casa, como também são responsáveis pela manutenção dos rendimentos familiares. As tarefas das mulheres são bem maiores, pois não ficam esperando pela pescaria do companheiro: vão à luta, catam mangaba quando está na época, fazem e vendem cocada, catam os mariscos, fazem moqueca de aratu e colocam numa palha, na folha de patioba, amarrando-as em forma de trouxa. São vendidas aos turistas e nas feiras de Indiaroba e Estância, em Sergipe. Também para complementar o orçamento familiar, as mulheres do Pontal e Terra Caída prestam serviços domésticos aos veranistas.

Algumas mulheres, tanto as do Pontal como as dos outros distritos, não têm companheiros.



Eles as deixam por outras, ou elas os abandonam por cometerem adultério ou devido ao alcoolismo, este muito frequente entre os homens. Nem por isso deixam de lutar para manter seus filhos e educá-los, contando com o auxílio de parentes e comadres que se revezam em cuidar das crianças, enquanto estão mariscando; este costume estabelece um laço forte de solidariedade, de compartilhamento entre elas.

Entretanto, não gostam de ficar sozinhas. Quando aparece alguém que elas simpatizam refazem sua vida amorosa, conforme pode ser constatado na fala a seguir: “Solidão é triste. A gente tem uma vida sofrida. Quando vai se deitar só vem problema. Quando você tem alguém, conversa, namora e passa o tempo. (Entrevista, ISABEL, 2008)”

As responsabilidades pelas atividades como organizadoras do lar, educadoras dos filhos e servir aos companheiros são rotinas no cotidiano das marisqueiras. Nas comunidades há uma divisão sexual entre homens e mulheres que trabalham na pesca. Pegar caranguejo, siri, peixe e camarão são tarefas mais para os homens. Já catar o marisco, pegar o aratu, quebrar e tratar são trabalhos direcionados para as mulheres. De acordo com o depoimento de seu Clóvis, “toda vida foi assim”. “Para a mulher pegar aratu é mais fácil”. Também porque segundo afirma uma marisqueira: “O homem não tem paciência de ficar esperando horas para que o aratu pegue a isca e tem que ser de um por um. (Entrevista ROSIMEIRE, 2008).” Para o pescador: “Pegar o aratu tem toda uma ciência. Eles dão muito trabalho. (Entrevista JOÃO, 2009)”

Assim, a relação dos saberes e a divisão das tarefas é algo cultural passado pela história local e seguido pelas gerações. “Vem da primeira geração” (Entrevista CLÓVIS). A pesca do aratu é um trabalho mais para as mulheres, porém não é fácil, como afirma o pescador. Quem determina o horário do trabalho na pesca do aratu é a maré: é a natureza presente numa relação de respeito e combinação.

Depende da maré, quando está cheia não dá para pescar o aratu, porque a água cobre os pés do mangue. As marisqueiras já sabem o horário que pescam, nasceram na praia e entendem a sabedoria que a menina já sabe, quando pequeno costuma andar com os pais. A pescaria tem uma hora suficiente, só de maré seca, quando ela sai do mangue. (CLÓVIS, Entrevista 2008)

A maioria das marisqueiras abandona cedo os bancos escolares devido à gravidez precoce e à necessidade da sobrevivência, retirando do mangue seu alimento e a complementação de renda. A escola não é atrativa para elas, devido a se sentirem cansadas da jornada das atividades exercidas no decorrer do dia. Assim, elas não sentem vontade de continuar os estudos, pois já chegam cansadas da mariscada e, uma vez em casa, ainda têm mais trabalho. Entretanto, para os filhos desejam e cobram que estudem para não ter o destino delas, conforme depoimento: “Meus filhos, não quero,



porque o mangue tem cara feia. Prefiro que eles estudem. (Entrevista, ROSEMEIRE, 2009)”

O depoimento dessas mulheres leva a uma reflexão quanto ao papel da mulher na sociedade, o seu trabalho, um papel esquecido de ser abordado nos bancos escolares. De acordo com Marques:

A produção e reprodução do sistema capitalista tornam-se mais evidentes no trabalho da mulher, contraditoriamente inexistente, quando afloram as relações sociais de dominação entre homem e mulher, uma vez que os homens transferem para a sua companheira parte da opressão reproduzindo duplamente o capitalismo. A mulher, além da tarefa econômica, o peso da responsabilidade do trabalho, esteio da sobrevivência da família, ainda lhe sobejam as tarefas domésticas que são de sua exclusiva competência. (MARQUES, 1983, p. 4)

À mulher, no contexto histórico de uma sociedade paternalista, foram atribuídos - na sua formação - conceitos de mulher frágil, designada a cumprir seu papel de maternagem. Afirmções que por muitas décadas impregnaram discursos moralistas em que a educação feminina não significa senão a aceitação do sofrimento como destino da mulher. Hoje as mulheres estão lutando para desconstruir conceitos culturais impregnados de preconceito, ficando constatado que as mulheres da região sabem da importância do seu papel.

A qualidade de vida está também interligada a luta pela seguridade social, a maioria das marisqueiras tem a carteira da associação de pescadores; com a mesma, elas têm direito aos benefícios e recebem durante o ano dois salários mínimos. Porém, várias mulheres se queixam que tem gente cadastrada nas colônias de pescadores, mas não são marisqueiras, como afirmam as marisqueiras Tetê e Izabel: “Você conhece a marisqueira por causa da mão que é cheia de cortes, áspera e manchada. (Entrevista, TETÊ, 2009)” “Se não tiver mão machucada, não é marisqueira. Devia ter uma fiscalização mais séria para só ganhar o benefício quem realmente precisa. (Entrevista, IZABEL, 2009)”

Um trabalho árduo, cansativo e perigoso que as deixam com características físicas de mulheres mais velhas, marcadas por traços na sua fisionomia, marcadas pela vida difícil que vivem no seu contexto social.

As atividades exercidas pelas marisqueiras são diversificadas, e, através destas, percebe-se que elas desenvolvem habilidades para lidar com várias funções simultaneamente; a lida do dia a dia é uma constante: quando não estão no mangue, estão em casa tratando os peixes que os companheiros trazem, comprando ostra para retirar o casco, cuidando dos filhos e da casa e ainda vendendo o seu produto final da pesca.

Considerações Finais



Além da pesca do aratu as mulheres procuram outras fontes de rendas. Isso mostra como estão preocupadas em ter sua emancipação financeira e não ficar esperando apenas pelo rendimento dos companheiros. Percebem a necessidade de lutar para manter a sua família, pois muitas são as provedoras no ambiente familiar. A persistência, a luta por melhores condições de vida as faz guerreiras que enfrentam as dificuldades no manguezal onde permanecem cinco a seis horas, dependendo da maré.

Em que pese a toda essa riqueza cultural, as escolas nas comunidades pesquisadas não abordam a importância do papel da mulher, a sua luta em adquirir habilidade para desenvolver várias funções ao mesmo tempo. Não destacam as atividades pesqueiras, os saberes da pesca com os saberes do ensino formal

O mangue com suas histórias, o respeito à biodiversidade, o sagrado, os contos, as ervas medicinais que são utilizadas, tudo isso são meios de preservação – das tradições orais tratando seus sistemas de saber como sistemas futuristas, e não como primitivos. É disso que fala Vandana Shiva (2003, p.85) “As comunidades pastorais, camponesas e pescadoras também criaram saber e desenvolveram um modo de vida sustentável com base na diversidade da terra e dos rios, dos lagos e mares.”

A herança cultural que tem as populações ribeirinhas deve ser vista pela sociedade como conhecimentos adquiridos no decorrer do processo histórico das comunidades os quais contribuem para solidificação da identidade cultural

No espaço social das comunidades, as mulheres observaram que, para pegar o aratu, precisavam fazer barulhos, a vida do aratu foi sendo conhecida através das observações, as histórias repassadas de geração a geração. Não foram os livros didáticos que ensinaram e sim os “livros da vida”, das descobertas. Elas não têm uma formação escolar completa mas conhecem o mangue, o ciclo das marés, os animais que ali vivem, tal qual os estudiosos que têm uma formação universitária.

Para as mulheres da comunidade o mangue é uma dádiva de Deus, representa a “Mãe Natureza”, por isso elas respeitam e cultivam uma relação de saberes e comportamentos baseados nas aprendizagens adquiridas no decorrer das suas vidas e repassadas por uma longa tradição oral; elas vivem como parte de seu ecossistema, pois precisam ter conhecimento do seu mundo para sobreviver.

Bibliografia



ALMEIDA, Maria da Conceição; PEREIRA, Wani Fernandes Pereira. **Lagoa do Piató: fragmentos de uma história**. 2. ed. Natal: Editora da UFRN, 2006.

LÉVI – STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Nacional, 1976

MARQUES, Núbia N. **Mulheres x cultura de subsistência**. Aracaju /SE: Ed. UFS, 1983.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido: a natureza humana**. Portugal: Biblioteca Universitária, 1973.

_____. **A cabeça bem feita: pensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SILVA, Francisco Lucas da; ALMEIDA, Maria da Conceição de CENCIG, Paula Vanina. (org.). **A natureza me disse**. Natal: Flecha do Tempo, 2007.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. Tradução por Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.